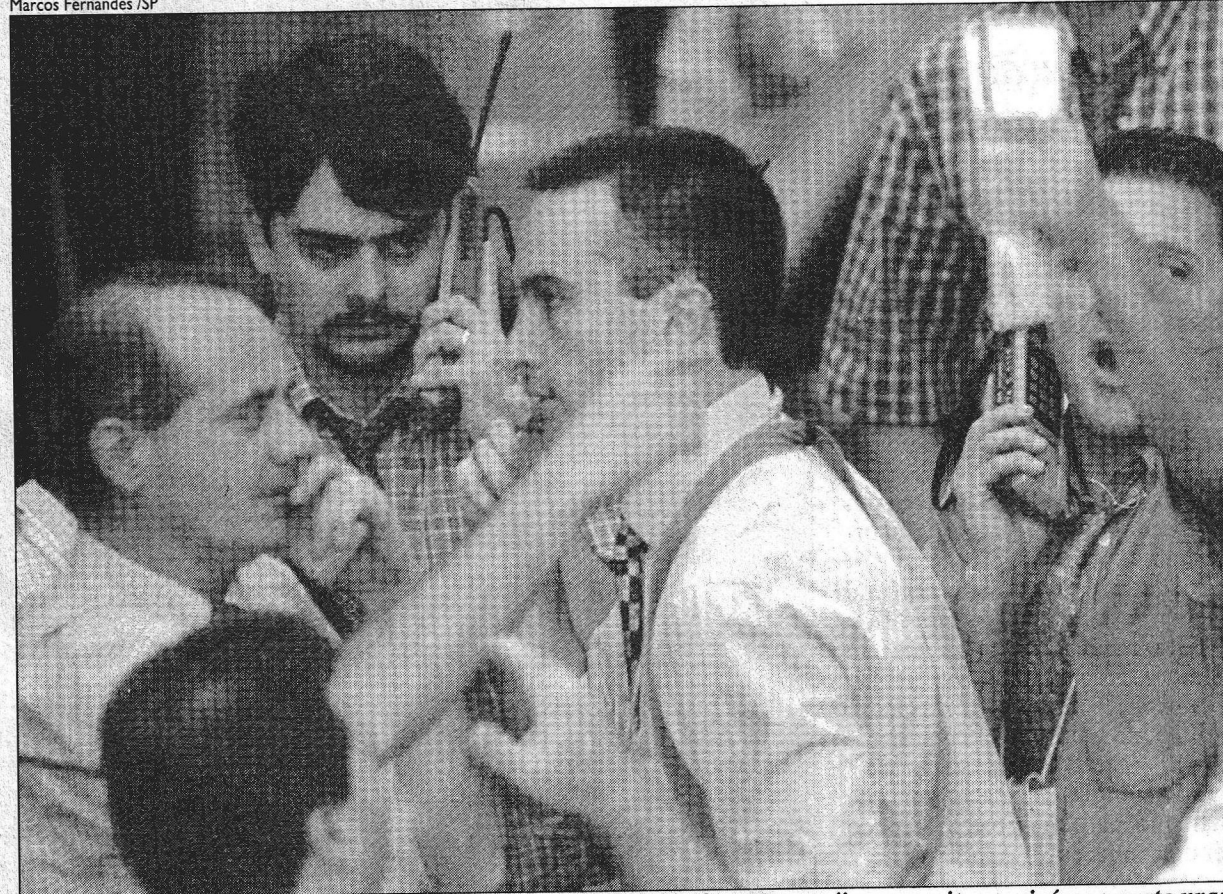


# FHC critica opositores do ajuste fiscal

*Presidente acredita que dias melhores virão, mas o pessimismo ainda toma conta das bolsas. A Bovespa teve queda de 1,03%*

Marcos Fernandes / SP



*Em dia de baixa, corretores da Bolsa de São Paulo tentam vender seus papéis para evitar prejuízos a curto prazo*

**S**ão José dos Pinhais (PR) — O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que não dará ouvidos “aos que sussurram infâmias” e aos que “fazem apostas pequeninhas, negativistas, que torcem para que nada dê certo” e manterá as medidas adotadas para resolver o déficit fiscal. Em discurso na inauguração da Fábrica Ayrton Senna — a primeira construída pela Renault nos últimos 20 anos —, reconheceu as dificuldades do momento. Disse que houve “acidentes de percurso”, mas aposta na recuperação do país. “Nós temos confiança no futuro, temos rumo, temos determinação” (...) “Deixemos passar à margem do Brasil os que sussurram infâmias, não nos deixemos envenenar pelo que eventualmente possa existir de não tão positivo.”

Foi a sua primeira manifestação — sem a intermediação do porta-voz da Presidência, embaixador Sérgio Amâral — desde a derrota na Câmara dos Deputados, quarta-feira, de um dos principais pontos do ajuste fiscal. A medida provisória rejeitada aumentava as alíquotas das contribuições dos servidores da ativa, além de instituir cobrança para

os inativos e pensionistas. A perda de recursos em 1999 será de, no mínimo, R\$ 2,6 bilhões.

Em seu discurso, procurou afastar as dúvidas de investidores sobre o futuro do país. E convencer a população sobre os efeitos positivos da globalização. “Dias melhores de integração virão”, previu.

## BOLSAS

Apesar do otimismo de Fernando Henrique, a derrota do governo no Congresso Nacional continuou a fazer estragos nas bolsas de valores de São Paulo e do Rio de Janeiro. Pelo segundo dia consecutivo, os pregões fecharam em queda. Desta vez, ela foi pequena — 1,03% na Bovespa (a bolsa paulista) e de 1,1% no Rio. A baixa só não foi maior por causa do impacto positivo do índice Dow Jones, que mede as oscilações da Bolsa de Nova York. O Dow Jones fechou com alta de 1,54% graças à redução do índice de desemprego nos Estados Unidos — a mais baixa taxa registrada desde maio.

Mas boatos sobre a suposta demissão do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, eventual interrupção no ritmo de queda dos juros

a partir de segunda-feira e o sumiço de recursos provenientes de aplicações de reservas brasileiras preocuparam investidores domésticos deixaram os investidores bastante preocupados.

A queda também era esperada pe-

lo mercado porque é raro as bolsas recuperarem significativamente no dia seguinte as perdas ocorridas no pregão anterior. Mas a percepção do mercado de que interpretou de forma exagerada a derrota do governo ajudou a reduzir o ritmo da queda e

contribuiu, junto com o índice de Nova York, para a tendência de alta verificada nas bolsas brasileiras. Até as 16h20, a Bovespa registrava essa recuperação, chegando a registrar uma oscilação positiva de 2,97%. O movimento se reverteu quando in-

vestidores estrangeiros passaram a se desfazer de suas ações, principalmente as de menor liquidez no mercado (difíceis de vender), como os papéis das companhias telefônicas da holding Telebrás e da Eletrobrás.

Segundo os analistas de mercado, o fim de semana também ajudou a esfriar as negociações. “Os investidores temem que aconteça algum fato durante o fim de semana que possa ter um efeito negativo no mercado”, comenta Dan Cohen, analista de investimentos da Hedging-Griffo Corretora de Valores. Esse vem sendo o comportamento típico do mercado desde que começou a onda de queda nas bolsas.

Um outro fator contribuiu para amenizar a queda: a assinatura do acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI). O mercado avalia que o estrago na Bovespa na última quinta-feira, quando o pregão fechou com uma desvalorização de 8,7%, poderia ser muito maior caso o acordo não estivesse sendo assinado no mesmo dia.

De acordo com os analistas, as bolsas brasileiras só deverão se recuperar no momento em que o governo conseguir pôr em prática todas as reformas necessárias para enxugar o déficit público e cumprir o acordo com o Fundo. “Só quando essas medidas começarem a ser colocadas em prática as bolsas vão recuperar”, avalia Nilton Belz, diretor da Técnica Assessoria de Mercado de Capitais.